



VIDA NUA E QUESTÕES DE ALTERIDADE EM A HORA DA ESTRELA

Sérgio Afonso Gonçalves Alves
Universidade Federal do Pará – UFPA

547

Poliana Sales Belchior
Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo: Este artigo terá como finalidade discutir a condição social feminina a partir da personagem Macabéa, do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Trataremos especificamente da personagem com um ser vivendo em situação de periferia e fora do seu lugar, um ser deslocado, invisível, em constante processo de emudecimento e em situação extrema ou situação-limite. Traçaremos um paralelo entre Macabéa e o muçulmano – tal como este é descrito por Giorgio Agamben – como o indivíduo incapaz, nos campos de concentração nazista, de discernir entre o bem e o mal, entre nobreza e vileza, não passando dos limites de um feixe de funções físicas em agonia: uma vida nua, uma vida não politizada, submetida ao poder soberano, sofrendo o peso de um controle biopolítico sobre seu corpo. Nessa direção, problematizaremos também questões relacionadas ao vivendo em estado de subalternidade, segundo Gaytri Spivak, cuja situação e condição social exclui do mercado, da representação política e legal indivíduos das camadas mais baixas, mas também questões outras relativas à alteridade de acordo com o pensamento de Homi Bhabha e ainda, por se tratar de uma obra cuja fortuna crítica fixa na questão vida e obra, discutiremos a noção de autoficção, dando destaque aos problemas de construção do romance como experiência de vida.

Palavras-chave: subalternidade, vida nua, autoficção.

O termo “autoficção” é usado para se referir a uma forma de autobiografia ficcional e combina dois estilos paradoxalmente contraditórias: a de autobiografia e ficção¹⁰⁴. Foi usado pelo crítico francês Serge Doubrovsky em 1977, no seu livro intitulado *Fils*. Antes de Doubrovsky a autoficção já era praticada por muitos outros autores, mas após *Fils* e dos textos teóricos sobre o conceito “a autoficção deixou de se opor à autobiografia, para se tornar se não sinônimo, pelo menos uma

104 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Autofic%C3%A7%C3%A3o>



variante de um ardil”¹⁰⁵, mas com uma diferença, a autoficção vem juntar fatos reais misturados com ficção sem precisar ser afirmada como na autobiografia para ser tomada como verdade, o leitor tomará para si como verdadeiro aquilo que quiser, diferente da autobiografia¹⁰⁶. A autoficção é assim, para ele, “a forma pós-moderna da autobiografia”¹⁰⁷.

A autoficção é o que podemos observar na obra da escritora brasileira Clarice Lispector, autora de escritos ficcionais e não ficcionais. Com base no conceito de autoficção acima apresentado podemos observar as características da mesma, especialmente na novela *A hora da estrela*.

Pois bem observado por S. Doubrovsky a autoficção não mente, não disfarça ela é ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais.¹⁰⁸ Teria Clarice convertido suas ideias, pensamentos e fatos vivenciados por ela para a ficção? Ao lermos a entrevista concedida a Júlio Lerner, podemos perceber como foi nascendo a ideia e a trama da história.¹⁰⁹ Ao ser questionada onde fora buscar inspiração para o romance *A hora da estrela* – cujo enredo se desenvolve em torno de uma moça nordestina, de Alagoas, morando no Rio de Janeiro – Clarice responde que morou em Recife, freqüentou uma feira de nordestinos no Rio de Janeiro, no campo de São Cristóvão, e pôde perceber o ar meio perdido do nordestino. Também frequentara uma cartomante chamada Nadir, no Méier, personagem real que, ao que tudo indica, serviu de base para a cartomante de *A hora da estrela*. Na novela Glória fala da cartomante a Macabéa com as seguintes palavras:

(...) Eu digo que ele (Olímpico) é meu porque foi o que a minha cartomante me disse e eu não quero desobedecer porque ela é médium e

105 *Ensaio Sobre a Autoficção*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.11.

106 *Autobiografia ou Autoficção*: as possibilidades de representação no universo fílmico do *eu* no universo fílmico contemporâneo*: BENEVENUTO, Clesiane Bindaco; NICOLINI, Patricia Peres, MARTINS, Analice de Oliveira. P. 2.

107 *Ensaio Sobre a Autoficção*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.14.

108 *Ensaio Sobre a Autoficção*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.13.

109 KANAAN, Dany Al-Behy . À escuta de Clarice Lispector: entre o biográfico e o literário, uma ficção possível. São Paulo: EDUC, 2003, p.110-111.



nunca erra. Por que você não paga uma consulta e pede pra ela te pôr as cartas?¹¹⁰

- É muito caro?¹¹¹

- Eu lhe empresto.¹¹²

549

A feira do nordeste, no campo de São Cristóvão, a fileira de imigrantes onde a autora captou o olhar perdido do nordestino e a cartomante são experiências de vida que serviram de ponto de partida para a ficção. A menina vinda para o Rio de Janeiro, também condiz com sua realidade, pois Clarice veio de Recife para o Rio em 1935, juntamente com sua família onde se estabilizaram, conforme suas palavras na já mencionada entrevista concedida a Julio Lerner, no programa Panorama, em 1977:

Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma fila dos nordestinos no campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá e peguei o ar do... meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí comecei a ter idéias. Eu... depois eu fui à cartomante e imaginei - ela disse várias coisas boas que iria me acontecer - e imaginei, quando tomei um táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse e me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Daí surgiram ideias. Então daí foi nascendo também a trama da história.

No romance o narrador Rodrigo S. M. inicia a narrativa situando a personagem em contexto social que a coloca como nordestina imigrante, como tantas outras moças pobres que moram em uma cidade grande:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Se estão certas as teorias acerca da cultura pessoal que consolida a linguagem que uma pessoa carrega na vida, segundo as quais é aquela vivida na

110 *A hora da estrela*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1999, p. 70.

111 *A hora da estrela*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1999, p. 71.

112 *A hora da estrela*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1999, p. 71.



infância e na adolescência a “nordestina” vinda para o Rio deixa bastante claro os vestígios da sua própria realidade exposta na novela *A hora da estrela*. As experiências de vida de Clarice e traduzidas para os seus romances, são afirmadas por ela mesma segundo podemos ler no livro *Outros escritos*, em que João Salgueiro, Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant’Anna, entrevistam-na:

550

Marina Colasanti: Você fala da personagem como se estivesse falando de uma pessoa existente, que te comanda.

Clarice Lispector: Mas existe a pessoa, eu vejo a pessoa, e ela se comanda muito. Ela é nordestina e eu tinha que botar para fora um dia o Nordeste que eu vivi. Então estou fazendo¹¹³.

Segundo exposto acima podemos dizer que Clarice traz para os seus romances detalhes do dia a dia os quais ela converte em linguagem fictícia. Conforme foi observado nas leituras realizadas por nós de alguns dos romances e artigos de jornal, bem como de seus textos de não-ficção, com a reflexão fundamentada na noção que estabelece a relação entre literatura e vida, procuramos refletir sobre aspectos relevantes entre fatos e acontecimentos pessoais de Clarice e sua produção ficcional.

Há várias representações de pontos de vista da escritora que serão, de uma forma ou de outra, retratados de diversos modos na sua ficção. Sua posição diante da vida ser observada a partir da leitura de alguns artigos reunidos em livros que evidenciam um pensamento, entre outros, sobre o mundo feminino que será aplicado à construção de algumas personagens femininas da autora, tal como foi aplicado à personagem Lóri de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em Virginia de *O Lustre* e em Macabéa, a novela que mostra o quanto a vaidade feminina, ou sua falta, é um sintoma de uma condição social a que está submetida a mulher.

113 *Outros escritos*/Clarice Lispector; organização de Tereza Montero e Lícia Manzo, Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 2005, p. 147.



No entanto, é necessário dizer que, embora ocorra uma aproximação entre o pensamento de Clarice e a construção psicológica e social de suas personagens, o processo de construção dos romances não se dará de modo a resultar em uma autobiografia. Assim sendo, será adequado a noção de autoficção para compreendermos a escrita que parte da vida, pois podemos acreditar que *A hora da estrela* se construa enquanto autobiografia, termo que Philippe Lejeune definiu como a narrativa em que se dá a coincidência entre autor, narrador e personagem, e segue uma trajetória mais ou menos linear na organização dos fatos acontecidos ao longo de uma existência. Desse modo, é mais produtivo pensarmos no termo autoficção para um texto no qual o autor espraia no seu texto fatos e acontecimentos, realizando um processo de ficcionalização em que a enunciação não ocorre no mesmo instante do enunciado, como na autobiografia. No entanto, o leitor atento e conhecedor do seu autor, pode perceber algo de pessoal por trás da nuvem de palavras.

Entre várias tipologias de autoficção, a definição dada por Vincent Colonna (2014, p. 39) para o termo é a que mais se aproxima do realizado por Clarice na novela *A hora da estrela*:

O escritor está no centro do texto como em uma autobiografia (é o herói), mas transfigura sua existência e sua identidade, em uma identidade irreal, indiferente à verossimilhança. O duplo ali projetado se torna um personagem fora do comum, perfeito herói de ficção, que ninguém teria a ideia de associar diretamente a uma imagem do autor.

Conforme observado por Poliana Belchior “há vestígios da realidade para a ficção, às vezes físico, às vezes psicológico, ideias, pensamentos, posição sobre determinado assunto¹¹⁴”, vestígios que tornam possível a aproximação entre Clarice e os percursos da heroína do romance. Todavia, a aproximação não ocorre tal qual se dá como imagem especular e duplicada, mas sim enquanto recriação, reinvenção de uma existência ou experiência vivida em um lapso de tempo e o

114 BELCHIOR, Poliana. Artigo apresentado no SALIC/COLIC. UFPa, 11/08/2017.



processo de conversão entre o que ocorreu e sua tradução para a ficção se dará tal como afirma Vincent Colonna (2014, p. 39) “diferentemente da postura biográfica, esta não se limita a acomodar a existência, mas vai, antes, inventá-la; a distância entre a vida e o escrito é irreduzível, a confusão impossível, a ficção de si total”.

V. Colonna exemplifica lembrando um tipo de retrato que existia no Renascimento em que há um empréstimo do rosto do pintor à figura de um religioso ou personagem histórica. Como exemplo, Colonna cita o quadro *Davi com cabeça de golias*, no qual Caravaggio pinta seus próprios traços no rosto decapitado de Golias. A esse tipo de autorretrato se dá o nome de *in figura*. Podemos raciocinar que o procedimento levado a efeito por Clarice para a construção da narrativa em questão se dá como uma representação *in figura* no qual Clarice empresta a Macabéa uma experiência própria de vida passada em um período da sua existência e em um momento em que a autora se encontrava numa feira nordestina na cidade do Rio de Janeiro e pôde perceber o olhar perdido do nordestino em uma cidade que não fora construída para ele, conforme a própria escritora afirmou em certa ocasião. Desse modo, o momento vivido pela escritora, se tornou o ponto de partida e o mote para a escrita de *A hora da estrela*, pois na novela ocorre uma ficcionalização de uma experiência, uma sensação, um sentimento. É ainda Vincent Colonna que nos esclarece (2014, p. 41) “a autoficção fantástica difere assim da fabulação biográfica, da mesma maneira que a representação *in figura* se distingue do autorretrato tradicional ou ascético.”

Em *A hora da estrela* Macabéa adquire o perfil da mulher explorada pelo capital. Muitas cenas dessa narrativa remetem ao pensamento político de Clarice, registrado no artigo intitulado “Deve a mulher trabalhar fora?” publicado no livro *Outros escritos*. A autora de *A hora da estrela* traz à tona a necessidade de a mulher passar a trabalhar fora, não só pelo fato de uma autorrealização, mas também devido à instabilidade da vida moderna. Vale lembrar que Clarice revela em entrevista, que se encontra também em *Outros escritos*, que em um determinado período de sua vida enfrentou dificuldades que se aproximam das de



Macabéa. Ela afirma que foi muito pobre, e assim como Macabéa, mesmo com tanta pobreza era feliz, pois não tinha noção da vida miserável que levava; a inocência não lhe permitia se dar conta da situação em que vivia. A situação de penúria que um dia foi um fato na vida de Clarice foi traduzido/ficcionalizado em Macabéa, na qual podemos perceber uma certa ingenuidade e inocência tão intensa que não tem consciência da extrema situação de miséria. Clarice afirma que só se deu conta de sua pobreza na vida adulta. É o que Vilain (2014, p. 16) afirma: o sentimento experimentado vai interferir no tratamento da lembrança.

O filósofo contemporâneo Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz*¹¹⁵, descreve um capítulo sobre as condições a que estava exposta uma categoria de prisioneiro nos campos de concentração nazista, chamando a esta de muçulmano, devido à situação extrema em que se encontrava. Assim Agamben nos mostra esse ser vivo:

O assim chamado Muselmann, como era denominado, na linguagem do Lager, o prisioneiro que havia abandonado qualquer esperança e que havia sido abandonado pelos companheiros, já não dispunha de um âmbito de conhecimento capaz de lhe permitir discernimento entre bem e mal, entre nobreza e vileza, entre espiritualidade e não espiritualidade. Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia. Devemos, por mais dolorosa que nos pareça, excluí-lo da nossa consideração.¹¹⁶

Em *A hora da estrela*, a personagem central do romance, Macabéa, é descrita com as seguintes palavras pelo narrador Rodrigo S. M.:

1 Tenho que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência... (p.15)

2 Ela deveria ter ficado no sertão...(p.15)

3 Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa...(p.15).

115 AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz* (Homo Sacer III). Trad Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo. 2008.

116 J. Améry, *Um inletoeale a Auschwitz*. (apub, AGAMBEN, Giorgio, 2008, p. 49)



4 A pessoa de quem eu vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. (p.16).

5 Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si...(p.18).

6 Andando de leve por causa da esvoaçada magreza. (p.19)

7 Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? (p.21).

8 Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. (p.23).

Macabéa, personagem feminina e central é uma mulher jovem, pobre, sem pais ou parentes, que migra do nordeste para o Rio de Janeiro. O romance representa a vida de alguns anos apenas de um indivíduo cuja biografia daria apenas algumas páginas, pois relatam as aventuras ou desventuras de alguém sem nome, prestes a desaparecer. Macabéa é a vida breve, encontrada por acaso em uma rua, um beco, uma feira, um canto qualquer de uma cidade grande. É a personagem que reúne em si os exemplos daqueles que não têm nada, ou quase nada, além do seu próprio corpo; daqueles que não têm lição a dar, nada a ensinar ou a transmitir, cujas forças se perdem, cujas vidas se exaurem sem deixar nenhum vestígio, registro de passagem; vidas instantâneas que se extinguem sem serem notadas, são quase invisíveis.

Levando em consideração o perfil de personagens femininas de Clarice Lispector, a maioria representa a mulher que sofre um revés na vida, um golpe de azar, uma revelação, enfim, mas é sempre um momento em que ocorre uma grande transformação que a impulsiona para frente. No caso de Macabéa, há uma mudança desse perfil, pois ela não é uma pessoa capaz de se transformar ou exercer qualquer tipo de poder nem mesmo sobre si mesma no sentido de uma transformação. Por esse motivo, a estrutura da narrativa também adquire um novo



contorno, se colocado diante de outros romances da autora. É o que podemos verificar nas seguintes palavras de Dany Al-Behy Kanaan (2003, p. 110):

A hora da estrela tem início com a constatação, que marca o final de romances anteriores da escritora, da impotência da linguagem diante das sensações. Com uma renúncia. Renúncia a todo “luxo”. A narrativa é crua, cruel até. A linguagem é crua. Assim ocorre com a existência. A história de Macabéa não tem começo, meio ou fim. Ela existe.

555

A história de Macabéa é a história de milhões de nordestinos pobres que saem da sua região para tentar a vida nas cidades do sul e sudeste brasileiro; ela é uma pessoa sem luz, desamparada, sem transformação social ou psicológica. Ela não tem um momento de epifania como se dá com GH em *A paixão segundo GH*. Sua revelação não é algo que ocorre através de uma experiência própria, conduzida ou controlada por ela, na qual ela poderia dar rumos à vida, mas sim através de um elemento externo que a conduz para o futuro, que afinal, será o seu fim. Desse modo, Macabéa se enquadra como personagem plana, sem grandes surpresas, previsível, pois está presa em um quadro social que a mantém em um pequeno espaço limitador de seu movimento. Sua vida está inserida em um contexto no qual há o domínio do mais forte sobre o mais fraco, daquele que, de alguma forma, detém o poder de decidir o destino do outro de modo tão feroz que sua existência se torna um absurdo.

A descrição geral que Benedito Nunes (1976, p. 121) faz dos personagens romanescos de Clarice nos traz uma ideia clara da existência absurda dos mesmos. Segundo o filósofo e estudioso da ficção da autora de *A hora da estrela*:

... o eu ameaçado, fica em suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente, irreduzível ao controle da vontade e ao entendimento. É essa existência absurda, ameaçadora e estranha, revelando-se nos indivíduos e a despeito deles, o único fundo permanente ao qual as figuras criadas pela romancista se destacam e de onde retiram a densidade humana que as caracteriza.



Todavia, a Macabéa falta justamente essa densidade de que trata B. Nunes (seu ensaio fora publicado um ano antes do lançamento de *A hora da estrela*), além, de ser construída com a tinta que nos revela um indivíduo ameaçado e não ameaçador, incluído e excluído ao mesmo tempo, sem densidade e inteiramente entregue à própria sorte, pois está excluída dos bens sociais; desse modo, Macabéa está submetida a um controle exercido por diversas e pequenas forças.

Nesse sentido, é possível falar em relações de poder entre os personagens do romance, sendo Macabéa a representante do lado mais fraco, a que está situada no grau mais baixo de domínio e força, pois não há outra personagem abaixo dela no meio no qual ela circula.

O filósofo francês Michel Foucault, no livro *Microfísica do poder* (2002, p. XIV) realiza um estudo sobre as relações de poder exercido por meio dos vários seguimentos e instituições sociais a partir da modernidade. Para Foucault:

...os poderes não estão localizados em nenhum posto específico da estrutura social. Funcionam com uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa...não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder...

Conforme constatamos na leitura da narrativa *A hora da estrela*, os poderes constituídos não se exercem a partir de alguma instituição composta por uma estrutura hierarquizada ou segmentada e sim a partir de relações de amizade, relações afetivas ou na comunicação cotidiana. Assim, o poder se espalha, se estende como uma rede de longo alcance, por meio da linguagem. M. Foucault descreve de uma forma indireta como se dá essa relação no dia a dia das pessoas:

... o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (2002, p. XIV)



Concomitante ao pensamento de Foucault, no ensaio “Linguagem e silêncio, Benedito Nunes (1976, p. 130), citando Wittgenstein, nos esclarece que os jogos de linguagem são “processos linguísticos, mobilizados pelas diferentes atitudes que assumimos, nomeando as coisas e usando as palavras de conformidade com as regras que estabelecemos.” Assim, entre Macabéa e os demais personagens ocorre não uma troca ou jogo de linguagem, uma vez que só uma voz fala, mas a imposição de uma vontade que direciona e estabelece as regras sociais. O silêncio de Macabéa diante da vida e sua falta de consciência da situação em que vive é reveladora de uma relação problemática, no qual existe, de um lado, um sujeito e de outro um objeto.

Sua pequena comunidade, representada por colegas de trabalho ou de quarto, a cartomante ou seu namorado, exerce de algum modo o poder sobre o outro: o patrão sobre os empregados, o namorado sobre Macabéa, as moças com quem ela divide o quarto de pensão, Glória sobre Macabéa, os anônimos passantes na rua. Resta a Macabéa ouvir e seguir as ordens e/ou conselhos dados pelos demais. É essa relação de poder que faz com que Macabéa se torne quase invisível, uma anônima, sem voz e sem vez nessa sociedade dividida pelo poder de comando de uns sobre os outros.

Os fragmentos seguintes ilustram o silêncio de Macabéa, mesmo nas situações em que falar se torna imprescindível a fim de se manter sobrevivendo ou em que a vida exige sob pena de ser aniquilada ou sofre grandes danos:

1 ...nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma...avisou-lhe com brutalidade que só ia manter no emprego Glória (1998, p.24)

2 A menina (Macabéa) não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante da sua vida (1998, p.28);

3 ...ela falava sim, sim, mas era extremamente muda (1998, p. 29).

O poder de exclusão é perceptível quando analisamos a relação de Macabéa com o mundo exterior. Sem ter com quem possa realizar uma troca de comunicação, ela olha o mundo através da Rádio Relógio, no qual ouve algumas



informações sem utilidade prática para o mundo real em que vive. Por acreditar nas pequenas e superficiais informações, Macabéa, por falta de assunto, tenta se comunicar com o mundo reproduzindo o que ouve na Rádio. É uma forma de estar conectada, de fugir da marginalização, a fim de não se sentir tão desligada da vida e dos outros. O poder da palavra e do saber que beneficia os demais personagens sobre Macabéa, não se concretiza quando se trata dela em relação aos outros. Por isso, a personagem, quase silenciosa no mundo onde a palavra exerce um fascínio e dominação, situa-se à margem, em busca constante de um espaço, numa cidade onde ela se encontra deslocada, porém sem ter a consciência de seu deslocamento.

A voz de Macabéa, praticamente inexistente, desaparece num turbilhão de outras vozes, as quais, mais fortes e altas, abafam, mas de um modo natural, a voz da personagem central. Desse modo, podemos afirmar que a personagem vive uma espécie de prisão ou internamento em liberdade, na qual seu único bem é o seu próprio corpo, a sua vida ou existência magra. O corpo de Macabéa reflete seu estado social e emocional. Magra, subnutrida, feia, deselegante e desarrumada, Macabéa é um corpo fora dos padrões de beleza estabelecidos. Um corpo frágil, sujeito a todo tipo de críticas e ataques por vírus e bactérias. Macabéa é portanto um indivíduo suscetível a toda e qualquer agressão: física, moral, psicológica e patológica. As agressões morais e psicológicas a que está submetida provêm da sociedade doente, preconceituosa, machista e dominadora. Sociedade de fortes e vencedores que só admite a presença de corpos frágeis com o claro objetivo de explorá-lo à exaustão até o seu aniquilamento.

O aniquilamento da vida nessa sociedade, onde há exploração e não troca, é um processo que se dá por meio de exploração do corpo, já que a mente, devido à subnutrição e às condições precárias a que está submetido, não é de muita utilidade na sociedade de produção e do lucro. Desse modo, pergunta-se: Qual é o espaço de Macabéa? A ela está reservado apenas o lugar de uma mão de obra barata para o uso do seu patrão. Nesse sentido, Macabéa é apenas um corpo, um ser que vive porque respira, inocente de tudo o que acontece à sua volta. Sem vez



e voz, podemos dizer que a personagem vive em “situação extrema” ou em “situação-limite” e quem a julga e condena a uma vida de exceção é a sociedade segregadora. Giorgio Agamben define o estado de exceção com as seguintes palavras “assim, em Bettelheim, o campo, como situação extrema por excelência, permite que se decida sobre o que é humano e o que não é, permite que se separe muçulmano do homem” (2008, p.56). Sem, no entanto, ter sido declarado juridicamente o estado de exceção na sociedade em que circula Macabéa, há paralelos entre esta e a sociedade que vive aquela situação extrema de controle e decisão sobre o indivíduo, já que a personagem só conhece restrições e, algumas vezes, extremas de existência, embora não esteja confinada a um espaço por coerção policial ou jurídica. Vivendo em situação de quase miséria, Macabéa não tem direito a lazer, moradia decente ou a uma alimentação minimamente aceitável para o sustento e a saúde do corpo, pois se alimenta unicamente de cachorro quente. Em relação ao lazer e alimentação, sua maior extravagância consiste em tomar café com leite no bar da esquina com um amigo e uma ida ao cinema mais barato da cidade uma vez por mês.

É ainda Giorgio Agamben quem nos dá um exemplo de “situação extrema”, citando Karl Barth, quem observa:

– a respeito da situação-limite e, em particular, da experiência da segunda guerra mundial – que o homem tem a singular capacidade de se adaptar tão bem à situação extrema, a ponto de ela não conseguir mais desempenhar, de algum modo, uma função de linha divisória precisa.¹¹⁷

Há duas ideias que nos interessa nessas palavras: a capacidade de adaptação que o indivíduo possui a situações extremas de ataques, privações e perigos e a quase invisibilidade da linha divisória entre o estado de exceção e o estado jurídico da normalidade. Ambos podem ser percebidos em *A hora da estrela*. Macabéa não se adapta, na verdade, à situação extrema de exploração e marginalização que a sociedade lhe impõe, pois sempre viveu nessa situação a vida toda. Na verdade, não existe exatamente uma adaptação, mas sim uma falta

117 AGAMBEN, 2008, p. 56.



de percepção, levada ao último grau de ingenuidade e inocência da personagem. No segundo caso, é a sociedade em estado de exceção contínuo que não se percebe as situações extremas a que estão submetidos os seus membros. Para que tal falta de percepção ocorra é necessário que tenha se dado uma assimilação do corpo social relativas às faltas e exceções, ou seja, que tenham se tornado um hábito praticado pelos próprios membros sociais. Em *A hora da estrela*, a ausência de discernimento, de consciência e compreensão das práticas sociais atinge a todos, mas, sobretudo, Macabéa é quem sofre as piores consequências por sua condição de nordestina imigrante, habitante de uma cidade que lhe exclui, por sua baixa escolaridade e por exercer uma profissão de baixa renda, destinada aos indivíduos situados no último degrau da escala social. Assim, Macabéa vive indignamente, sem consciência da privação, escassez, carestia, falta, silêncio... uma encarcerada em liberdade “condicional”. O narrador do romance ao descrever a personagem em várias ocasiões retrata uma vida digna de pena com a tinta da tragicidade.

Os membros da pequena comunidade na qual Macabéa circula perceberam tão bem seu estado extremo que o relacionamento e as trocas sociais se dão de modo a colocá-la sempre em situação de inferioridade ou de ridicularização. As atitudes desses membros perpetuam o domínio sobre ela, reforçando uma hierarquia de poder que representa a estrutura social: primeiro a tia que a criou, depois o patrão, o namorado, Glória e a cartomante. Todos tinham seus motivos para estropiá-la, todos, a seu modo, a diminuía, a desqualificavam como forma de se autopromoverem ou de se auto-afirmarem num mundo cada vez mais competitivo, exigente e aniquilador.

Macabéa, como todos os seres humanos, possui uma particularidade que chama a atenção, porém de forma negativa: sua magreza espantosa e feiura davam a ela a partir do seu estereótipo a construção do seu perfil interior feito pelos demais: mulher de poucas ideias e palavras, poucas carnes, pouca inteligência, uma imagem quase grotesca. Desse modo, ela era uma espécie de vivo morto, ou quase, um espetáculo tolerado, suportável aos olhos humanos, que



a linha acima dela na escala social se deleitava. A reação mais natural de Macabéa em relação à sua aparência exterior consiste em pintar os lábios com batom, aumentando as linhas dos lábios finos a fim de torná-los mais carnudos e atraentes, porém o resultado foi catastrófico conforme se pode perceber nas risadas de Glória. O momento de pintar-se com batom é significativo nessa mulher que tenta com esse único e pobre recurso disfarçar seu rosto que não agrada a maioria das pessoas, pois mostra a busca de um padrão de beleza e de comportamento não atingível pela maioria das mulheres. No entanto, ao fracassar nessa tentativa, Macabéa entristece ainda mais, perdendo a esperança de um dia reconquistar seu namorado que começa a se interessar por Glória. Por isso, a preocupação mais insistente da personagem consiste em esconder sua deficiência, causadora da perda de seu namorado para outra mulher, sem no entanto, ocultar a mulher do nordeste que ela é, pois esta aflorava por todos os lados. Todavia, ela é quase uma mulher sem rosto, um ser que gira em torno de si mesmo, devido a possuir todos os atributos que a colocam numa posição de marginalizada socialmente, humilhado e massacrado, mas ainda um ser humano.

A personagem quase não tem consciência da sua situação extrema, uma mulher sem escolha, praticamente inexistente para a sociedade e os colegas de trabalho e até mesmo para o namorado, sem força o suficiente que a leve a se situar no espaço social em que vive e mesmo neste exercer alguma interferência. Obedece às ordens do patrão, do namorado e de Glória. Portanto, é uma mulher deslocada, estranha no lugar que não lhe pertence, uma ambulante sem rumo e sem futuro. Como fim único para este ser, talvez determinado pelo destino, a morte que a espreita, chega logo após uma consulta à cartomante que, ironicamente, lhe prevê um futuro de felicidades e realizações.

Congresso Internacional

Humanidades nas Fronteiras

Imaginários e Culturas
Latino-americanas



9 a 11 de outubro de 2017
Foz do Iguaçu, Paraná – Brasil

562